

PERFIL DE COQUEIJO (*)

Orlando Gomes

Poucos dias faz que **Coqueijo** nos deixou. De surpresa. Vítima de uma irresponsabilidade inadmissível que a fatalidade lhe armou.

Eu o conheci quando foi meu aluno na Faculdade de Direito. Formava com Adu e Amâncio uma trinca de bons estudantes, que viriam a se dedicar à prática de *Direito do Trabalho*. Tão logo diplomado, foi dirigir a Penitenciária do Estado, ofício que pouco exerceu. Sua vocação era outra e lhe deu execução com brilho invulgar, chegando ao posto supremo da magistratura trabalhista, que honrou.

Não é, porém, sobre o jurista, o magistrado, o escritor, o jornalista que quero escrever nestas colunas que tiveram sua presença elegante muitas vezes. O que quero é alinhar algumas palavras a respeito do amigo, que foi uma das melhores figuras humanas que conheci. Sempre alegre e muito comunicativo, tocava o seu violão, sem complexo, para se alegrar e para deixar escorrer um pendor. Figura obrigatória nos congressos e seminários de *Direito do Trabalho*, onde quer que estivesse era uma casa cheia no papo e na palestra. Quando foi para Brasília, a fim de assumir o alto posto de ministro do Tribunal Superior do Trabalho, seu apartamento se tornou um pedaço da Bahia, transplantado para aquela terra árida, e cultivado por Aydil, a sua inexcelsável companheira. O casal, carregado de simpatia, não se limitava a cercar de carinho os amigos da Bahia que iam a Brasília; a muitos hospedava em sua própria casa, num gesto próprio da antiga e exaltada hospitalidade baiana, hoje em franca decadência.

Deixando compulsoriamente a Bahia, da Bahia nunca se desligou. Lembro-me bem que na sua posse como presidente do Tribunal Superior do Trabalho, a que compareci com entusiasmo, mandou tocar, no fim da cerimônia, o Hino ao Nosso Senhor do Bonfim.

Modesto por temperamento e pela educação que recebeu de Enéas, seu extremoso pai, chegou a ser a estrela mais brilhante do TST, sem estar com prosa. Sobre todos os predicados que o fizeram uma pessoa querida e respeitada na Bahia — como provou o seu concorrido sepultamento no Jardim da Saudade — é de salientar-se o seu modo de ser prestativo, próprio daqueles que gostam de servir, antes que ser servidos.

Pois bem, foi esta criatura humana tão simples e tão cuidadosa com a saúde que inesperadamente apagou antes do tempo a vela crepitante de sua vida, muito embora a gente deva estar sempre prestes a ver cessada a sua combustão. É que cada qual tem o seu dia marcado e não sabe quando chega.

(*) "A Tarde", Salvador, 31.01.88, pág. 6.

Em Dom Casmurro, disse Machado de Assis que o louvor dos mortos é um modo de orar por eles. Louvando **Coqueijo** depois que se foi sem possibilidade de voltar, a minha oração é para dizer ademais que cada dia que passa mais vivem em mim os mortos que foram meus amigos, ao contrário de muitos vivos que estão mortos há muito tempo.

D'agora por diante todos aqueles que o reverenciaram em vida estão comprometidos a lhe preservar a memória. A fauna trabalhista, principalmente estudantes, advogados, juizes, todos eles que aprenderam e continuam aprendendo nas suas obras sobre o direito processual do trabalho, e quantos consultam-nas no dia-a-dia da atividade profissional se lembrarão, mesmo que uma vez por outra, de quem os escreveu com amor e determinação. Consultando-as, citando-as, reproduzindo-as nas provas de verificação de aprendizagem, nos arazoados, nas sentenças, nos pareceres, todos esses funcionários do Direito preservarão a sua memória. E não morre quem continua vivendo nas lições que professou.